

O Museu de Catalayud, reaberto em 2007, depois de sofrer obras de ampliação das suas instalações, e que acolhe, entre as suas exposições permanentes, o espólio arqueológico recolhido nas escavações da cidade romana de *Bilbilis* (de onde era natural o poeta Marcial e onde se destacam os frescos, encontrados em várias habitações e nas termas, moedas, jóias e inscrições), oferece, assim, aos seus visitantes, uma experiência museológica ímpar. Assiste-se a uma exposição de cinema dentro do cinema, que em simultâneo narra a história de muitos dos objectos arqueológicos expostos².

NÍDIA CATORZE SANTOS

AS BACANTES DE EURÍPIDES PELA COMPANHIA DE TEATRO DE BRAGA

A 13 de Janeiro do corrente ano, no Teatro Circo, em Braga, estreou o exercício teatral sobre *As Bacantes* de Eurípides que, para a Companhia de Teatro de Braga (CTB), dirigiu o encenador Rui Madeira. A peça, em cena nesse espaço até 23 de Janeiro, iniciou em seguida uma digressão que a fez passar por Coimbra – onde esteve, no Teatro da Cerca de S. Bernardo, nos passados dias 7 e 8 de Março – e que a levou mesmo a terras brasileiras, a 21 de Abril. Anunciada, na folha de sala, como “um espectáculo em progressão” e como resultado do “entendimento que [o grupo vem fazendo] sobre a *leitura dos clássicos* e da relação dessa *leitura* com o trabalho dos actores, numa perspectiva do seu próprio crescimento artístico”, a peça enforma de faltas que consideramos graves e que não se coadunam, estamos em crer, com a liberdade (quase ilimitada) de um encenador de teatro que escolhe trabalhar um texto clássico.

Embora susceptíveis de constringer um espectador mais canónico e tradicional de teatro clássico, são ainda assim legítimas e coerentes algumas opções cénicas, que se resumem numa intenção de adaptação do drama euripídiano a um espectáculo chocante, que roça o fetichista. Refiro-me, entre outros aspectos, à transformação do palácio de Penteu num aglomerado de grades de cerveja Sagres – patrocinador mais do que assumido do

² Gostaríamos de expressar o nosso agradecimento à produtora Lavirian por todos os esclarecimentos prestados.

espectáculo –, opção justificada quando Diόνisos, o deus que vai destruir toda a família real, surge em cena armado de um martelo pneumático ou, mais adiante, no momento em que a revelação ocorre, quando essas mesmas grades são deitadas ao chão pelo mesmo deus. Ou ainda à transformação do coro de seguidoras de Diόνisos num grupo de boémias embriagadas e tomadas por um frenesim de música de discoteca, meio ébrio, meio sexual, onde pesam uma fraca coordenação e, regra geral, graves problemas de dicção. Igualmente bem conseguidas – sempre no contexto de um espectáculo que pretende o choque – são as figuras de Diόνisos, Penteu e Agave. Os primeiros, actores experimentados, unidos no Português do Brasil que falam, levam toda a peça em constante e violento conflito, sendo este corporizado, em termos concretos, no momento em que ambos executam passos de capoeira, quando está em discussão a culpa ou inocência do rei.



Imagem colhida em <http://www.theatrocirco.com/agenda/evento.php?id=361>
(18 de Maio de 2009, 18.00 horas)

Agave, seguramente a personagem mais bem conseguida de toda a peça, por toda a violência gráfica que caracteriza a sua actuação, aproxima-se talvez mais de uma personagem senequiana do que euripídiana. A loucura que a toma antes de perceber a verdade – fazendo-a tremer e alucinar de uma maneira que roça o doentio –, bem assim a forma quase visceral como toca os

membros por ela mesma despedaçados do filho, no final, só não resultaram em plenos porque, atrás de si, estava já cerca de uma hora de espectáculo onde a incoerência e o *non sense* tinham sido as iguarias principais.



Imagem colhida em http://companhiadeteatrodebraga.blogspot.com/2008/11/as-bacantes_19.html (18 de Maio de 2009, 18.00 horas)

Cabem, no saco desses ingredientes menos felizes, sobretudo as figuras de Tirésias e Cadmo, os dois anciãos que, depois do Prólogo e da primeira ode coral, surgem em cena envergando o tirso coroado de hera e os principais adereços do traje feminino, para ir ao Citéron prestar culto a Diόνisos. Na adaptação de Rui Madeira, estas figuras são verdadeiros transformistas, orgulhosos das meias de renda, das longas cabeleiras de cores vivas, dos tops e dos sapatos de salto alto (ainda para mais de cristal) que usam, segurando nas mãos um bastão onde floresce não folhagem de hera – ele mesmo um símbolo suficiente da fertilidade que o deus promete – mas um falo. Mais grave do que a caracterização que apresentámos, na adaptação da CTB, é a satisfação que as duas personagens, dois anciãos, revelam por assim se mostrarem. Uma satisfação de que, mais tarde, irá participar o próprio Penteu, como se qualquer destas três figuras com gosto se adornasse à maneira das mulheres. É que, com efeito, Penteu sente vergonha de seguir a

proposta transformista de Diόνisos (v. 828) e só adiante, quando já tomado pelo delírio que o deus lhe inspira, se pavoneia da figura que ostenta (vv. 918 sqq.).

Prova a encenação de Rui Madeira, no essencial, duas coisas: a grande versatilidade do teatro clássico, que tanto tem que dizer e a tantas leituras e adaptações pode prestar-se, mas também os perigos de um entendimento desvirtuado do original. Dito de outro modo, enforma este espectáculo, para sermos sucintos, de um grande problema – a total eliminação do trágico. Numa peça onde reis, anciãos e adivinhos se comprazem no travestismo, a revelação final de Agave, por poderosa e intensa que tenha sido, não consegue provocar a *sympatheia* nos espectadores. Uma peça de excessos, toda ela excessiva, mas sobretudo essencialmente incoerente – essa a apreciação que fazemos das *Bacantes* da CTB.

Ficha técnica

Encenação: Rui Madeira;

Actores: Carlos Feio, Jaime Soares, Rogério Boane, Solange Sá, Teresa Chaves;

Actores estagiários no âmbito da Cena Lusófona: Alex Miranda, Mabelle Magalhães, Tamara Thaís;

Actores estagiários no âmbito da oficina “Bacantes: uma orgia do Poder”: Aleixo Morgado, Ana Cristina Oliveira, Ana Lestra Gonçalves, André Silva, Ângela Leão, Armanda Barbosa, Carina Luz, Cristina Silva, Marisa Queirós, Raquel Ferreira, Sofia Miranda;

Dramaturgia: Rui Madeira;

Cenografia: Samuel Hof;

Figurinos: Sílvia Alves;

Desenho de luz: Fred Rompante;

Grafismo: Carlos Sampaio;

Criação Vídeo: Pedro Pinto.

CARLOS A. MARTINS DE JESUS